

# A nossa situação é difícil, mas há outras bem piores

Economia  
Brasil

Eurico Penteado

O acontecimento culminante da semana finda, no noticiário dos jornais brasileiros, foi sem dúvida



o banquete que cerca de 1.100 empresários nacionais, representantes de mais de três dezenas de entidades de classe, ofereceram ao superministro do Planejamento.

O Brasil é, positivamente, o país dos contrastes. Há pouco mais de dez dias, quem quer que lesse o noticiário dos jornais estaria convencido de que o nosso superministro (ou primeiro-ministro se vivêssemos em regime parlamentar) estaria demissionário. A hipótese era francamente admitida, com desafogo de muitos e pesar de muito poucos. Poucos dias depois, o mesmo ministro de quase todas as Pastas, que parecia ter caldo em desgraça (o que já vinha tarde), recebe uma consagrada homenagem de mais de mil dos grandes empresários do País!...

Até parece que o Brasil é mesmo — como já alguém o definiu — “um país de doidos, em que há loucos até nos hospícios”. É óbvio que há nessa definição pequena dose de exagero, o que soe acontecer com todas as generalizações. Temos realmente boa parcela de aluados nas casas de orates do País, além de outro segmento, incomparavelmente maior e em plena liberdade. Mas temos também outro grupo — minoritário, é certo, porém não imponderável — de gente sensata ou, como muitos preferem, “de pessoas equilibradas”.

Nossos colegas do Jornal da Tarde julgam que, naturalmente, após um banquete (e só o não chamamos “lauto” porque todos os banquetes são lautos, pelo menos na opinião dos que os promovem) sobrevém o

período por vezes prosaico da digestão. E citam como prato principal desse ágape o discurso do homenageado, em que este “não disse nada que já não tivesse dito antes”. Foi, pois, uma iguaria requentada e provavelmente indigesta, porquanto no último triênio os pronunciamentos dessa alta fonte foram pontilhados de previsões erradas e de metas não atingidas.

Dizem que a História se repete, e, talvez sob a influência de tal conceito, o recente e espetacular banquete ao superministro do Planejamento nos fez acorrer à memória o famoso baile da ilha Fiscal, às vésperas da derrocada de nosso Império. Simples associação de idéias...

A revista Veja, edição desta semana, faz a análise de “um time econômico cada vez menos aplaudido”, referindo-se aos cinco ministros da área econômica no atual governo (na or-

dem decrescente dos aplausos que recebem ou na ordem crescente das críticas que suscitam): o do Planejamento, o do Trabalho, o da Indústria e do Comércio, o da Fazenda e o das Minas e Energia. Em uma pesquisa entre quinhentos empresários — sempre de acordo com a mesma fonte — a gestão do superministro tinha em janeiro deste ano o apoio de 43% dos entrevistados. Em julho, esse apoio estava reduzido “a pouco mais de 30%”, digamos, com o mesmo, 35%. Mas era de 25% o número dos empresários que consideravam sua atuação “ruim ou péssima”. O último desses cinco mentores de nossa economia, o ilustre ministro das Minas e Energia, “é o menos cotado — tendência que, aliás, o persegue desde janeiro de 1980. Nada menos de 52,1% das respostas brindam sua administração com os adjetivos de

ruim e péssima, e 36,4% a julgam apenas regular”.

A opinião nos círculos econômico-financeiros internacionais continua bastante pessimista a nosso respeito. A publicação Latin American Markets, editada pelo Financial Times de Londres, em artigo de primeira página de sua edição de 2 do corrente, reproduz vários conceitos desfavoráveis sobre nossa economia, alguns deles jocosos e até irreverentes. Em geral, consideram a “sobrevivência” do ministro do Planejamento apenas temporária. Mas um banqueiro londrino não julga fácil substituí-lo: “Who the hell do you put in his place”? E outra fonte explica: “É preferível um diabo que conhecemos a um demônio desconhecido” — o que nem sempre é verdade, porquanto muitas vezes o satanás desconhecido não pode ser pior do que o conhecido. Mas há uma ter-

ceira fonte com opinião mais construtiva: “Pode haver um outro par de diabos (pelo menos assim considerados por Delfim e seus sequazes) que talvez tivessem uma visão diferente das coisas”. E cita Roberto Campos e Mário Henrique Simonsen, ambos já com boa experiência do assunto. (E o primeiro deles com pleno êxito.)

Como dissemos em anterior comentário, entretanto, se males de outrem são consolo (algo de que duvidamos), podemos estar consolados. Afinal, a Argentina está em completo descabro — econômico, político e social; o México, com a agravante de ser um dos países mais desgovernados do mundo (ou talvez por isso mesmo), tem uma dívida externa bem maior do que a nossa e praticamente não tem reservas; a percentagem de seu déficit a curto prazo (menos de

um ano) é de 48% — ao passo que a do nosso é de apenas 34%.

Na Bolívia, acaba de ocorrer algo sem precedentes: o governo, que mantinha a paridade oficial de 44 pesos por dólar (quando a do mercado negro era de 165), resolveu pôr termo a essa disparidade. E seu Banco Central anunciou que venderia US\$ 30 milhões a 110 pesos por dólar. “El resultado fue un desorden descomunal” — diz a publicação londrina Informe Económico em sua edição de 30 de julho. Milhares de pessoas se apresentaram em retirar seus saldos bancários, para aproveitar essa oferta de dólares a baixo preço. O Banco Central precisou suspender a venda de dólares e fechar os bancos, enquanto imprimia dinheiro para atender aos saques de seus clientes...